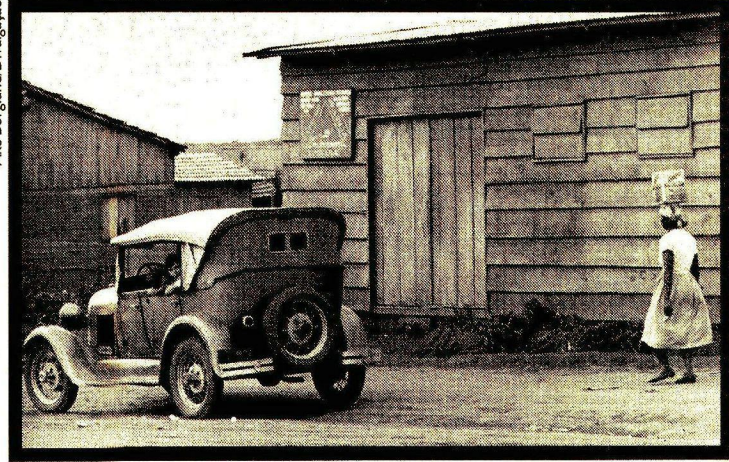
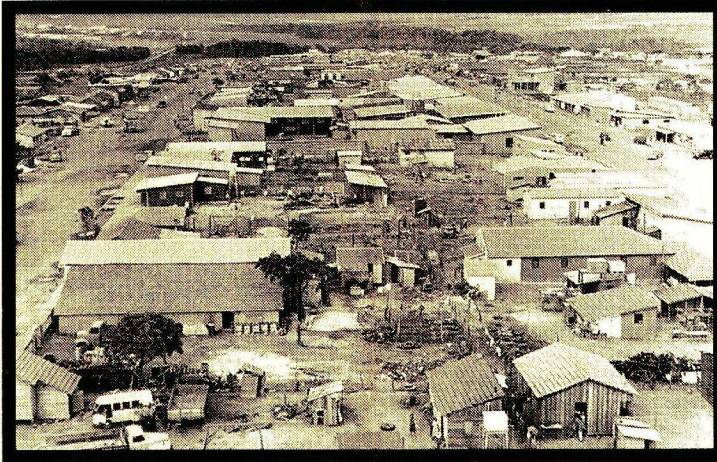


1957

DF - Núcleo Bandeirante



ASSIM ERA O NÚCLEO BANDEIRANTE, NO ANO EM QUE NASCEU A PRIMEIRA CRIANÇA NA CIDADE CRIADA PARA ABRIGAR OS PIONEIROS DA NOVA CAPITAL: POEIRA JUNTO ÀS CONSTRUÇÕES DE MADEIRA, MAS MUITA ESPERANÇA E EMPOLGAÇÃO

De volta ao começo

Mãe do primeiro bebê nascido na Cidade Livre se emociona ao rever o Núcleo Bandeirante, com o filho

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Passava das onze da noite quando a piauiense Malvina de Araújo Brito começou a sentir a dor do parto. Aos 28 anos, era a sexta gravidez. E ela, boa parideira que era, conhecia a rapidez com que dava à luz. As outras cinco filhas não deixaram dúvida. “Só tinha uma dor. Na segunda, já vinha a criança”, lembra ela, quase meio século depois daquela madrugada. Na segunda dor, então, o menino veio ao mundo. E chegou forte, com choro rasgado. “Era um meninão”, extasiou-se a enfermeira Ester, a única que existia naquele lugar.

Estamos na Cidade Livre, no dia 12 de junho de 1957. Naquela madrugada nasceu ali, naquele lugar onde começou o sonho da nova capital, o primeiro filho de um candango e de uma candanga de que se tem notícia na história de Brasília. José de Moura Filho, hoje com 49 anos, é a síntese de uma cidade que se ergueu com paixão, lágrima e poeira. Malvina, aos 77 anos, ainda lembra o dia em que o primeiro filho homem chorou num barraco de madeira: “Eu só pedia a Deus que ele fosse saudável”.

Na meio da tarde de ontem, o *Correio* localizou José e Malvina. Hoje, mãe e filho moram de aluguel numa casa modesta na QNA 28 de Taguatinga. Ele lembra pouco do início da Cidade Livre. Ela conta histórias de quem viveu ali os melhores dias de sua vida. “Como eu fui feliz naquele lugar! Trabalhei demais, sem parar, mas fui feliz. Se eu pudesse, voltaria no tempo.” Separada do pai de José, que hoje mora em Samambaia, Malvina, que há 20 anos não ia ao Núcleo Bandeirante, aceitou o convite da reportagem para voltar ao lugar onde tudo começou.

Ao chegar à avenida principal, Malvina quase não reconheceu a cidade. “Meu Deus, como mudou...” A emoção lhe encharcou os olhos. José, segurando carinhosamente o braço da mãe, ouvia histórias sobre as quais ele fez parte. No lugar onde a família morava, uma casa de madeira, hoje é o posto de uma empresa telefônica. O ambulatório da Cidade Livre — “onde o doutor Isac Ribeiro atendia”, e que ficava do outro lado da rua — virou uma escola particular.

Um filme se passou na cabeça daquela mulher de 77 anos: “Isso aqui era tudo um buraco. O frio assoviava e doía na gente”. Ao ver o local onde um dia foi a sua casa, Malvina reviveu uma cena cotidiana. Por instantes, voltou realmente no tempo: “Muito elegante, o presidente Juscelino andava por essas ruas cheias de poeira. Os candangos iam atrás. Era uma felicidade danada. O povo queria chegar perto dele, dizer que acreditava nele. O Bernardo Sayão também andava pela cidade”.

“Lugar abençoado”

Para entender a história de José é preciso, claro, contar a de seus pais. Era março de 1957. Naquele ano, com um barrigão de seis meses, Malvina e o marido, José de Moura Brito, ambos com 28 anos, deixaram Ceres, no interior de Goiás, em cima de um caminhão. Na barriga, era o sexto filho. Para criar, já havia cinco meninas. José, o pai, sabia que nada seria fácil. Mas ele veio. E convenceu Malvina de que Brasília seria o “lugar abençoado” onde criaram seus filhos. Ela acreditou. E fez do sonho do marido o próprio sonho. Fez da vida dele a vida dela.

Evangélicos, a fé sempre os norteou. Na bagagem trazida no caminhão, a Bíblia veio carregada na mão. A família ajudou a fundar a primeira Igreja já

Gustavo Moreno/Especial para o CB



MALVINA PASSEIA COM JOSÉ PELO NÚCLEO BANDEIRANTE, 20 ANOS DEPOIS: “SE EU PUDESSE, VOLTARIA NO TEMPO”

Batista do hoje Núcleo Bandeirante. Ainda na Cidade Livre, José logo se apurou como bombeiro hidráulico. “Ele fez a instalação dos canos da casa do Bernardo Sayão”, conta Malvina. Enquanto ele

ajudava Brasília a se firmar, ela descobriu uma habilidade até então inexplorada. Foi a salvação na ajuda das despesas.

Acordava de madrugada para preparar a comida

que José levava ao trabalho. Um dia, os engenheiros, “os doutores”, como ela os chama até hoje, viram José saboreando a comidinha de Malvina com gosto de dar água na boca. E um deles, um homem de terço bem cortado, pediu a José que o deixasse experimentar. Foi a gota d’água. A história se espalhou e logo os “doutores” pediram, na verdade imploraram, para que a mulher de José lhes preparasse a comida do dia. E a casa de madeira logo virou um restaurante informal. “Tinha dia que vinham mais de 30 pessoas almoçar. Até doutor Bernardo Sayão provou da minha comida”, orgulha-se Malvina.

No dia em que José nasceu, Malvina preparou mais de 40 marmitas. Forte como um touro, não se rendeu aos avisos de que a criança estava para nascer. Perto da meia-noite, a dor foi intensa. Quase não teve tempo de ir ao ambulatório (uma espécie de mini-hospital) da Cidade Livre. O doutor Isac, o único obstetra, foi chamado. A enfermeira Ester já estava a postos. E José nasceu, “na segunda dor”, diz Malvina, com cara de mulher valente.

Longe de Brasília

No dia seguinte, no carro de som que passava anunciando as novidades, as boas-novas ecoaram. Todos ali souberam que José havia nascido. Malvina se recorda: “E o moço anunciava: ‘O primeiro bebê nascido na Cidade Livre’. Eu fiquei toda contente”.

E família de José viveu ali até 1959, quando se mudou para Alexânia (GO). José, o pai, era um viajante, estava sempre procurando novas paragens, novas oportunidades. Oito anos depois, mais uma volta a Brasília, agora capital inaugurada. E todos foram viver no Guará. Lá, o brasiliense José cresceu. Estudou. Terminou o ensino médio. Casou-se, teve dois filhos, separou-se. E lutou pela vida todos os dias.

Apelidado de Zezinho pela família, trabalhou desde cedo. Virou vendedor gráfico. Fez do ofício sua profissão. Mas, um dia, tudo mudou. E o desemprego bateu à sua porta. Para conseguir uma colocação no mercado de trabalho, o homem que nasceu na Cidade Livre foi longe. Há dois anos e meio arrumou um emprego na prefeitura de Águas Lindas, município goiano a 45km de Brasília. É chefe do almoxarifado. Todo dia, de ônibus, sai de Taguatinga com destino à cidade onde ganha o pão de cada dia. Leva 40 minutos sacolejando até chegar ao destino. E mais 40 minutos para voltar, no início da noite.

Enquanto passeava de mãos dadas com a mãe pelo Núcleo Bandeirante, o homem de 49 anos que até hoje está inscrito e espera um lote do Idhab (antiga Shis) para ter a própria casa orgulhou-se: “Sou brasiliense de coração”. E revê, enaltecido, a trajetória dos pais: “Eles são os verdadeiros candangos, gente que acreditou que essa cidade podia dar certo”. José pai, 77 anos, separado de Malvina, mora em Samambaia. Casou-se novamente. “Quando ele saiu de casa, há 20 anos, chorei durante cinco anos. Hoje, não choro mais”, diz a mulher.

Numa casa modesta e alugada em Taguatinga Sul, mora o primeiro nascido na Cidade Livre de que se tem notícia. A vida até pode ter modificado toda aquela família, mas a imagem de José vindo ao mundo no lugar em que Malvina mais gostou de viver jamais sairá da sua memória. “Eu tenho muita saudade desse lugar”, confessou ela, na tarde de ontem, revendo uma cidade que não mais reconhece. O filho, emocionado, não disse mais nada. Abraçou a mãe e deixou apenas os olhos viajarem pela história da qual um dia, sem imaginar, ele foi protagonista.